

Pantheon de Caxias

*Amanda Amorim**

Introdução

As celebrações, comemorações, estátuas, monumentos e panteões constituem, por excelência, o que se convencionou denominar de “lugares de memória”, como citado pelo historiador francês Pierre Nora (1984). Na descrição desse historiador, entende-se que os mausoléus estariam entre as tipologias enumeradas, por serem edifícios construídos para abrigar os restos mortais de grandes vultos, a fim de homenageá-los, materializando sua vida e sua obra. O Exército Brasileiro, enquanto produto de cultura, encontra nos mausoléus e nos panteões a possibilidade de reverenciar suas autoridades, em um espaço construído, visitável por toda a sociedade.

De origem grega, a palavra *pantheon* identifica, na Roma Antiga, uma edificação dedicada a todos os deuses. Em recorte geográfico ocidental e contemporâneo, o espaço passou a ser dedicado às pessoas que engrandeceram sua pátria por meio de seus feitos. De estrutura imponente, com iluminação lúgubre, com a finalidade de levar os visitantes a uma atitude respeitosa e de reflexão, esse tipo de construção influenciou e inspirou arquitetos por vários séculos. Exemplarmente, destaca-se a Basílica de Santa Maria Dei Martiri, mais conhecida como Panteão de Roma, com sua estrutura monumental e iluminação feita por *óculo*¹. O

local, que vem sendo usado como igreja, é uma grande referência de panteão no mundo. Vale, ainda, destacar o Panteão de Napoleão, em Paris, usado como mausoléu, onde repousa o ilustre personagem da história francesa, Napoleão Bonaparte. No Brasil, o Pantheon de Caxias tem por fim rememorar seus feitos e segue tanto a tipologia quanto a expressão simbólica da veneração ao Patrono do Exército Brasileiro.

O Pantheon de Caxias foi inaugurado em 1949, como parte das comemorações dos 150 anos de nascimento de Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, figura escolhida como de maior relevância para o Exército Brasileiro. O mausoléu foi construído para abrigar seus restos mortais, além dos restos mortais de Ana Luiza de Loreto Viana, sua esposa, e do sabre que o marechal recebera pela vitória na Guerra do Paraguai. Está localizado em frente ao Palácio Duque de Caxias, no centro do Rio de Janeiro.

O planejamento para a construção desse monumento remonta ao período em que o governo de Vargas praticava uma política voltada para instituição de uma identidade e uma coesão, por meio das cerimônias e símbolos que evocariam a continuidade com o passado. “Recriar” o que passou e destacar as tradições que precisariam dialogar com diversos

* 1º Ten OTT (2º RCG/2018). Pós-graduada em Gestão de Projetos (Universidade Estácio de Sá/2016), bacharel em Arquitetura e Urbanismo (UFF/2006), arquiteta adjunta da Seção de Patrimônio e Projetos Culturais (SPPC) da Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército (DPHCEx).

contextos eram necessidades levantadas naquele recorte histórico. Ocorre, desse modo, um processo de oficialização do culto ao Patrono do Exército Brasileiro como ponto focal de um conjunto de investimentos simbólicos nas décadas de 1920, 1930 e 1940. Em 1925, é estabelecido o Dia do Soldado na mesma data de nascimento de Caxias, 25 de agosto. O processo de definição de identidade da Força envolveria, dentre outras atividades, a adoção de um conjunto de elementos simbólicos novos. Segundo o cientista social e pesquisador Celso Castro (2002), em *A invenção do Exército Brasileiro*, um movimento forte de institucionalização se estabelece, baseando-se em três tradições importantes da Força Terrestre: Culto a Caxias como seu patrono, comemorações da vitória sobre a Intentona Comunista de 1935 e Dia do Exército, em 19 abril, data em que ocorreu a primeira Batalha em Guararapes. Cultuar Caxias seria uma iniciativa que fazia parte de um arranjo organizacional e simbólico da Era Vargas.

Passados 70 anos, desde a data de inauguração, os desgastes do tempo acabaram por impossibilitar que o edifício se mantivesse íntegro e visitável. Nesse sentido, em 2019, sob a vistoria e análise da Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército (DPHCEEx), foram levantadas as necessidades de revitalização física do monumento, sendo fundamental, pela relevância histórica e cultural do bem, a assessoria da equipe técnica. A DPHCEEx tem por missão relacionar, planejar, dirigir, coordenar, acompanhar, ampliar e controlar as atividades que visem à preservação e divulgação do patrimônio histórico e cultural, material e imaterial, de interesse do Exército Brasileiro. Cabe, portanto, dentre outras atribuições, supervisionar as atividades e os eventos do Sistema Cultural do Exército (SisCEx), propor normas para a preservação, utilização e difusão do patrimônio histórico e artístico cultural, material e imaterial, de interesse do Exército, prestar assistência técnica e normativa às atividades de preservação, conservação e restauração de bens culturais, estimular a elaboração de projetos e a programação de atividades e eventos a serem desenvolvidos pelas organizações militares e pelos órgãos do SisCEx, além de controlar a execução de projetos e atividades culturais de interesse do Exército.

O Projeto de Revitalização do Pantheon de Caxias visa o melhor aproveitamento e o maior uso dessa edificação. Por ser reconhecido como patrimônio histórico, o trabalho foi desenvolvido baseando-se em um minucioso levantamento historiográfico sobre o mausoléu, para que se pudesse fundamentar as propostas de intervenção em seus principais valores, desde sua intenção de criação, passando por sua inauguração e uso atual. As principais etapas desse projeto foram: desenvolver levantamento histórico do edifício; elaborar diagnóstico dos danos atuais; propor ações para revitalização, por meio de reforma física, estrutural e expositiva do edifício; desenvolver projeto de adequação física para recuperação dos danos existentes; desenvolver proposta expográfica, visando despertar maior interesse por sua visitação, tanto para militares quanto para civis.

A primeira linha de ação era entender como o edifício era reconhecido pela sociedade (civil e militar) e pelas instituições nacionais de proteção do patrimônio histórico. A construção possui tombamento provisório, em fase de processo de tombamento definitivo, pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC), órgão de esfera estadual, subordinado à Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, ao qual compete desenvolver ações para a preservação do patrimônio cultural e artístico no âmbito do território fluminense. Ainda, é citado no processo de tombamento do Palácio Duque de Caxias, edifício vizinho, como parte integrante de seu conjunto arquitetônico, entendendo-se que sua função e atividade está diretamente ligada às atividades do palácio. Dessa forma, é conveniente que se preservem suas características originais em relação a materiais empregados em sua construção, a sua conformação morfológica e a seu uso.

Após entendidas as restrições e fundamentos para a intervenção, foi dada a continuidade da caracterização do monumento, com área construída de aproximadamente 5.300m², incluindo o jardim. Para caracterizá-lo e identificar seus danos, fez-se um levantamento visual e registro fotográfico, descrevendo os elementos arquitetônicos que o compõem, tanto nas fachadas como em seu interior.

Externamente, é revestido em mármore travertino romano bruto. Na face voltada para a Praça da República, foi aplicado o brasão do Duque de Caxias, em bronze. Na face voltada para o Palácio Duque de Caxias, encontra-se a porta de entrada do mausoléu, em bronze e vidro fosco, com as armas da República em bronze, bem como a palavra *Pantheon* acima da referida porta. É por essa passagem que o visitante tem acesso à cripta, cuja beleza arquitetônica reproduz um sentimento de civismo e religiosidade.

O interior da construção foi executado em forma circular, sendo toda revestida em mármore aurora² na sua variação de tons de rosa claro e verde. No centro de todo o conjunto, em nível inferior ao piso de acesso, rodeiam seis colunas de granito lustrado negro e, sobre esse local, observa-se uma cúpula constituída em mosaico de cerâmica vidrada em tons de verde. A cúpula permite iluminação zenital³, em intensidade de penumbra, como característico das edificações desse estilo. Ao fundo da cripta, estendem-se duas galerias simétricas, onde se encontram as 460 urnas embutidas nas peças móveis de mármore do revestimento das paredes, ornamentadas com rosetas de bronze, cuja função era guardar os restos mortais dos valorosos pracinhas da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Tais despojos, contudo, tiveram como destino o Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, ficando as urnas sem utilização.

Na cobertura e coroando a vista panorâmica do edifício, encontra-se a estátua equestre do Duque de Caxias, de autoria do escultor mexicano, naturalizado brasileiro, Rodolfo Bernardelli, fundido nas oficinas Thiebot em Paris. Essa estátua, inaugurada em 15 de agosto de 1889 no Largo do Machado, foi transferida para a frente do Ministério do Exército, atualmente Palácio Duque de Caxias, na mesma época em que se concluía o novo edifício do panteão. Produzida em bronze, a estátua representa o duque montado em seu cavalo, em uniforme de marechal, tendo em sua mão direita um binóculo e em atitude de observação. Apresenta dois baixos relevos no pedestal: a tomada da Ponte de Itororó e a entrada do Exército em Assunção, capital do Paraguai.

Com o passar dos anos, alguns pontos se deterioraram, fazendo do edifício um local de permanência

desconfortável e quase insalubre. Além disso, sua infraestrutura para iluminação e ventilação mecânica encontravam-se desatualizadas, necessitando de manutenção e modernização. O diagnóstico da situação apontou as seguintes questões a serem corrigidas: foram identificados diversos pontos de infiltrações na área interna, que, de acordo com a avaliação técnica, ocorrem devido à ausência de impermeabilização da laje de cobertura, estando o interior do edifício desprotegido da água da chuva; os revestimentos do piso da laje de cobertura se encontram rachados e quebrados em alguns pontos, o que permite a entrada de água na estrutura do edifício; o sistema de captação de águas pluviais também foi considerado subdimensionado, sendo encontrados quatro ralos pequenos para absorver o escoamento de uma cobertura de aproximadamente 200m², o que intensifica a formação de poças de água na área, aumentando a ocorrência das infiltrações.

A iluminação natural e a artificial não são eficientes. A abóboda que propõe iluminação zenital natural está sem manutenção, com resíduos de sujeira, e com vidros que não possibilitam a passagem de luz, deixando o ambiente escuro. As luminárias estão desatualizadas e não iluminam o interior de maneira que valorize a área interna. Além disso, os postes da área externa não funcionam e estão com lâmpadas queimadas, os refletores que iluminam a fachada frontal não estão funcionando e sua grade de proteção está quebrada. Em geral, a infraestrutura elétrica, incluindo quadros de energia, disjuntores e chaves de segurança encontram-se desatualizados e necessitam ser modernizados.

As instalações de ar-condicionado não estão em pleno funcionamento, o ambiente interno está com a temperatura elevada e muito úmida. Após visita de técnico especializado, foram identificadas peças queimadas e quebradas na máquina condensadora, além da falta de limpeza do sistema e dos dutos. As portas de acesso às casas de máquinas estão quebradas e sem o fechamento adequado para a proteção dos equipamentos e a janela de ventilação do compartimento que abriga a condensadora tem venezianas subdimensionadas, o que não possibilita a troca do ar ambiente de forma eficiente.

O layout para exposição existente não valoriza a área de maior reverência do mausoléu, onde estão dispostos os restos mortais do patrono e de sua esposa. Ainda, as vitrines expositivas estão desatualizadas e também não expõem adequadamente o acervo disponível. Entende-se que essa disposição não cumpre o objetivo de contribuir para o fortalecimento do espírito cívico e do espírito de corpo por intermédio da figura do patrono.

O projeto foi dividido em três fases: a **fase I** será dedicada à recuperação do sistema de ar-condicionado existente, indicando os serviços de manutenção a serem executados e a troca dos equipamentos necessários, por meio da contratação de profissional especializado; a **fase II** integrará a revisão das instalações elétricas, que deverão ser recuperadas após elaboração de projeto elétrico, serviços de impermeabilização da cobertura, troca de revestimentos danificados em toda a edificação, reforma do sistema de captação de águas pluviais existente, abertura de visita para a abóboda pela área externa e troca de esquadrias danificadas; a **fase III** será a implantação da proposta expográfica, que consiste na remodelação do espaço expositivo atual.

Após aprovados, o escopo e as etapas de projeto foram enviados para o Escritório Mecenas, seção da

DPHCEx, que busca possibilitar e incentivar a colaboração de pessoas físicas e jurídicas aos projetos culturais do Exército Brasileiro. Por meio da Fundação Cultural Exército Brasileiro (FUNCEx), fundação proponente, o projeto está em fase de execução. O projeto está sendo executado com os recursos captados de forma extraorçamentária, provenientes dos mecanismos previstos na Lei nº 8.313, de 23 de dezembro de 1991, Lei de Incentivo à Cultura, também conhecida como Lei Rouanet, que tem por objetivo ajudar o setor cultural a captar recursos para atividades e projetos culturais. A execução do projeto tem previsão de quatro meses de duração, sendo possível, em seu término, o uso do monumento por visitantes, em um percurso de reverência e solenidade ao patrono da Força Terrestre.

Como previsto nos objetivos principais do projeto, além de garantir a solidez do edifício, a revitalização do Pantheon de Caxias perpetuará os valores e a memória do militar, que hoje representa, por meio da lembrança de seus feitos, os valores e as tradições do Exército Brasileiro. Como citado pela historiadora Françoise Choay (1992), em *A alegoria do patrimônio*, a expressão *patrimônio histórico* designa um bem destinado a usufruto de uma comunidade, para que não se deixe escapar nenhum testemunho histórico significativo.

Referências

CASTRO, Celso. **A invenção do Exército brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade/Editora UNESP, 2017.

NORA, P.; AUN KHOURY, T. Y. Entre memória e história: A problemática dos lugares. Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>.

Notas

¹ Abertura em cúpula de cobertura para que possa entrar a luz natural.

² Mármore conhecido por sua nobreza, em tons de rosa e verde, de origem portuguesa.

³ Iluminação natural obtida por aberturas ou revestimentos transparentes na cobertura das edificações.